



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

**KAI HENRIQUE SILVA FERNANDES**

**Revisitando (Trans)Midiático: Autobiografia  
Trans**

**MACAPÁ – AP  
2022**

**KAI HENRIQUE SILVA FERNANDES**

## **Revisitando (Trans)Midiático: Autobiografia Trans**

Memorial apresentado ao Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá como requisito da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador: Prof. Dr. José Flávio Gonçalves da Fonseca

**MACAPÁ – AP**

**2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
(CIP) Biblioteca Central da Universidade Federal do  
Amapá Elaborada por Jamile da Conceição da Silva –  
CRB-2/1010

---

F363r Fernandes, Kai Henrique Silva.  
Revisitando (Trans)Midiático: Autobiografia Trans / Kai Henrique Silva  
Fernandes. – 2022.  
1 recurso eletrônico. 33 folhas.

Memorial apresentado como Trabalho de conclusão de curso (Graduação  
em Teatro) – Campus Marco Zero, Universidade Federal do Amapá,  
Coordenação do Curso de Teatro, Macapá, 2022.

Organizador: Professor Doutor José Flávio Gonçalves da Fonseca

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format

(PDF).Inclui referências.

1. Teatro. 2. Autobiografia. 3. Fernandes, Kai Henrique Silva, 1997 -  
Biografia. 4. Identidade de gênero. 5. Memória autobiográfica. I. Fonseca, José  
Flávio Gonçalves da, orientador. II. Título.

Classificação Decimal de Dewey. 22 edição, 709.2

---

FERNANDES, Kai Henrique Silva. **Revisitando (Trans)Midiático**: Autobiografia Trans.  
Orientador: José Flávio Gonçalves da Fonseca. 2022. 33f. Memorial apresentado como  
Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Teatro) – Campus Marco Zero,  
Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Teatro, Macapá, 2022.

**KAI HENRIQUE SILVA FERNANDES**

**Revisitando (Trans)Midiático: Autobiografia Trans**

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. José Flávio G. Fonseca (Orientador)  
Universidade Federal do Amapá

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Adelia Aparecida da Silva Carvalho

---

Prof. Dr. Cleber Rodrigo Braga de Oliveira

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer, primeiramente, a minha avó Juraci que fez tudo que ela podia por mim, minha tia Jocelene, meu irmão Vinicius.

Ao meu orientador, diretor e professor Flávio Gonçalves, por acreditar em mim e por todo apoio, ensinamentos e paciência que dedicou para comigo, me auxiliando em cada etapa e novas conquistas, abrindo portas, não somente para mim, mas para que outros como eu possam acreditar e sonhar. Agradeço também a professora Adélia Carvalho e o professor Cleber Braga pela gentileza de aceitarem compor minha banca de qualificação, trazendo riquíssimas contribuições, bem como na minha defesa.

Muito obrigado, também a professora Fernanda Areias e ao professor Emerson de Paula pelo carinho e pelos ensinamentos.

Agradeço muito os meus irmãos e irmãs trans que me auxiliaram e me protegeram em cada etapa dessa jornada: Adriano Patrick, Kai Maistri, Noa, Ave Terrena, Antonio Bandeira, Rafael Paiva, Paulo Vitor, Thomas Ícaro, Eduarda Macedo, Maria Luiza, Alessia, Federico, Levi, Suzan.

A todos aqueles que me deram apoio abrigo e afeto: André Lopes, Simão e sua família, Gabriele Rabelo, Elciane Rabelo, Rodolfo Napoleão.

Aos amigos e pessoas que me auxiliaram nesse percurso: Thiago Chaves, Henvenyze Andrade, Janilson Lopes, Marcos Fernandes, Jaqueline, Felipe Fray, Diego Malva, Jhon, Arthur Ramalho, Randi, Liah Vilanova, Renan, Lobotomy, Benaia Sena, Caio Beluco, Marcos Sales, Sebastian, Erivelton, Dani Tavares, Viviane, Prisca, Ramilly Rocha, Pablo Sena, Glenda, Luciana França, Dyneon, Douglas, Ruan, Aline, Stalin Siqueira, Mayê.

E a todas as pessoa trans que lutaram e continuam a lutar para que possamos resistir, e a você, leitor, por dar-me á honra e a atenção para a leitura deste trabalho.

## RESUMO

Esse trabalho consiste na apresentação de um memorial que relata os processos de transição de gênero do autor, buscando contribuir para produção de trabalhos que abordem a transgeneridade. Os tópicos abordados nesse memorial relatam os momentos da infância e juventude de homem transgênero do autor e os meios encontrados no teatro e na vida acadêmica como estratégias de sobrevivência através de criações cênicas. O interesse por esta pesquisa surgiu a partir da necessidade de ser revisitado o trabalho criado em 2019, intitulado (Trans)Midiático, realizado inicialmente como uma cena curta, onde foram utilizados para criação materiais autobiográficos do autor e outros materiais de pesquisa acerca da cena expandida e intermedial, para com isso refletir, na prática, acerca desta temática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autobiografia, Transição de gênero, Cena expandida, Cena intermedial.

## RESUMEN

Este trabajo consiste en la presentación de un memorial que da cuenta de los procesos de transición de género del autor, buscando contribuir a la producción de obras que se acerquen al transgenismo. Los temas abordados en este memorial dan cuenta de los momentos de la infancia y juventud del autor como hombre transgénero y de los medios encontrados en el teatro y la vida académica como estrategias de supervivencia a través de las creaciones escénicas. El interés por esta investigación surgió de la necesidad de revisitarse la obra creada en 2019, titulada (Trans)Midiático, realizada inicialmente como escena corta, donde se utilizaron materiales autobiográficos del autor y otros materiales de investigación sobre la escena expandida e intermedial, para reflexionar, en la práctica, sobre este tema.

**PALABRAS CLAVE:** Autobiografía, Transición de género, Escena ampliada, Escena intermedial.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. PERSPECTIVA I: <b>DEGENERADO</b> .....	9
2. PERSPECTIVA 2: <b>SOBREEXISTÊNCIA</b> .....	12
3. PERSPECTIVA 3: <b>TRANSCRIÇÃO</b> .....	19
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	24
REFERÊNCIAS.....	27
APÊNDICE.....	29

## INTRODUÇÃO

Este memorial pretende revisitar de forma reflexivo-descritiva três perspectivas: a primeira, focando nas premissas antes do experimento cênico *(Trans)Midiático*, elaborado no ano de 2019, a segunda, a produção e releitura do do referido processo para ser apresentado como cena curta, levando em consideração elementos autobiográficos – que une arte e vida, percebidos durante meu processo de graduação e por último, uma terceira perspectiva sobre a aproximação do trabalho com as pesquisas realizadas na bolsa de Iniciação Científica promovida pelo curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

Descrever o processo de criação e desenvolvimento do espetáculo *(Trans)Midiático* leva em consideração os fragmentos de minha infância e juventude, bem como os conflitos e acordos percebidos no meu corpo trans neste dinamismo do amadurecimento. Sendo assim, perceber e acolher a autoetnografia no desenvolvimento deste trabalho oportunizou a criação de meios possíveis desta pesquisa, a qual foi desenvolvida através da utilização de mídias digitais e analógicas, tais como registros de gravações de áudio, fotografias, cartas e diários.

A auto-etnografia (próxima da autobiografia, dos relatórios sobre si, das histórias de vida, dos relatos anedóticos) se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si (FORTIN, 2009, p. 83).

A observação e participação em locais onde circulavam transhomens também foi de extrema importância, dentre estes lugares estão os grupos nos quais participei em movimentos LGBTQIA+<sup>1</sup>, como a ONG CASVI<sup>2</sup> de Piracicaba - SP e a UNALGBT<sup>3</sup> de Macapá – AP e suas atividades de trabalho como encontros em eventos, apresentação em congressos e seminários acadêmicos.

A intenção de investigar estes registros e experiências é fortalecer discussões sobre a pesquisa sobre si e, principalmente, dar ênfase às questões predominantes no processo de transição de gênero. Como homem trans, artista e pesquisador, reconheço a extrema necessidade de causar interesse tanto de artistas quanto de produtores de arte que buscam visibilizar e/ou sensibilizar o corpo trans em suas

---

<sup>1</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgeneros/ Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais, o + é o termo coringa que engloba todas as letras da sigla completa.

<sup>2</sup> Centro de Apoio e Solidariedade a Vida

<sup>3</sup> União Nacional LGBT

criações, sem deixar de lado a complexidade de assuntos que são essencialmente vividos por essas pessoas, particularmente, sobre questões de identidade de gênero, transfobia e silenciamento político e social, que serão resgatadas na discussão dessa pesquisa e complexificadas ao pensá-la como obra artística.

## 1. PERSPECTIVA I: DEGENERADO

Em meados de outubro de 1996, minha mãe, Jucimara, descobriu que estava grávida, não sabendo, ao certo, qual era o sexo do bebê. No começo do ano seguinte, em 1997, descobriu-se que a criança à espera seria do sexo feminino. Sendo assim, ela afirmou que seu bebê seria uma *linda menina*.

No dia 4 de julho de 1997, eu nasci e com o nascimento, havia grande expectativa sob a menina e primogênita dos meus pais, logo, vieram expectativas de que esta menina seguiria o curso da sua vida com padrões de uma sociedade reconhecida como hétero cis normativa. No entanto, na infância, minha mãe pôde perceber que os gestos e gostos fugiam dos moldes que eram aceitos pela sociedade e, por conta disso, sofri diversas repressões devido a minha personalidade em construção. Sempre tive preferências por brinquedos e roupa ditas masculinas e, ainda na infância, imitava comportamentos de figuras masculinas presentes em minha casa. Todos esses gestos, para mim, eram completamente normais, não tendo noção dessa possível fuga de padrões.

Figura 1: Recordação de infância.



Fonte: Arquivo pessoal

Aos 5 anos, ingressei na educação básica na Escola Municipal Prof.<sup>a</sup> Mariza Elvira Ell Faganello, na cidade de Piracicaba – SP. Durante esse período, pude conhecer outras crianças na sala que estudei, além do meu irmão e minha prima que conviviam comigo fora desta instituição de ensino. Foi nesse período que eu também pude aprender a ler, e posso dizer que foi uma grande conquista para mim, pois acreditava que, se soubesse ler, poderia identificar um possível erro em minha certidão de nascimento.

Em determinado momento da minha infância, cheguei a acreditar que eu realmente era um menino (cisgênero) e que tivessem me registado com o sexo errado. Neste sentido, pode-se perceber que, desde este momento, minha angústia já se iniciava, visto que ao ter contato com outras crianças, além de parentes, percebi que era uma criança diferente, pois não seguia os padrões de usar roupas ditas femininas e de realizar brincadeiras que as professoras diziam que eram de meninas. Além disso, eu gostava de ficar perto dos meninos e brincar com eles, mas a escola vinha também impondo padrões a mim e às demais crianças, onde havia uma separação das meninas e dos meninos e dizer o que é ou não é de cada gênero por meio das cores, vestimentas, brinquedos e brincadeiras.

Figura 2: Recordações de infância



Fonte: Arquivo pessoal.

Durante minha adolescência, esses comportamentos ditos masculinos ficaram mais aparentes, foram surgindo interesses por outras garotas e transformações corporais femininas começaram a me incomodar, me trazendo

bastante sofrimento. Desconhecido da palavra *transexualidade* e suas vivências, acreditava que estava fadado a viver preso em um corpo no qual eu não me reconhecia. Ainda neste período, também sofri atos homofóbicos e machistas dentro da minha própria casa e do meu ambiente escolar, o que ocasionou diversos conflitos familiares, minha evasão escolar, por algum período, e comportamentos depressivos.

Ainda na minha adolescência, buscava suprir essa insatisfação com o meu corpo, que já estava tomado por características femininas. Busquei encontrar, em minhas vestes, maneiras de modificar os olhares das pessoas quando direcionados a mim, utilizando roupas ditas masculinas e largas. E quanto a minha postura, buscava modificar, me posicionando de forma curvada para esconder a silhueta feminina, podendo me intitular um degenerado visto aos olhos cis heteronormativo, pois buscava perder ou ter as qualidades da minha *espécie/natureza modificadas*.

Desde a infância, percebo-me enquanto uma criança trans que se expressa aos poucos por meio de pequenos trejeitos, gostos e afinidades. Ao longo da minha vida, a busca e construção dessa identidade enquanto homem trans começa com um processo de transição que, inicialmente, é sem o uso de hormônios, apenas utilizando o nome social. Este momento é chamado pela comunidade trans de *Pré T*, ou seja, quando ainda não se faz uso da hormonioterapia. É importante frisar também que há homens trans e mulheres trans que não desejam ou não possuem recursos para tal procedimento.

Transicionar é como morrer e nascer novamente, é estar diante da solidão, é andar por lugares isolados, abandonar toda a história que se trilhou até aqui. Ao sair de casa, você expõe o seu corpo ao mundo que gera uma série de questionamentos e leituras que recaem sobre o indivíduo, mesmo que signifique sua desindividualização ou que ele seja reduzido/retirado de sua condição humana.

A expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de 35 anos, dados esses expostos no site da Agência Senado<sup>4</sup> no ano de 2017. Segundo a notícia do site Universa Uol<sup>5</sup> que traz dados da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) do dia 29 de janeiro de 2021, Dia Nacional da Visibilidade Trans, os

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional>> Acesso em: 25 de agosto de 2021

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/01/29/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-175-foram-assassinadas-em-2020.htm>> Acesso em: 25 de agosto de 2021

dados apontam que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo e no ano de 2020 foram assassinadas 175 pessoas. O sistema de saúde, sistema educacional e a sociedade não são feitos para pensar em nós como seres existentes, e como o próprio significado da palavra transicionar se revela no dicionário, é a passagem de um lugar, de um estado das coisas, de uma condição a outra.

O meu corpo trans se vê presente em todos esses estados de definição, que se iniciou de forma gradativa. Primeiro, precisei encontrar uma maneira de sobreviver a todas as vulnerabilidades socioeconômicas e dificuldades das mais variadas possíveis como segurança, educação e falta de um lar.

## 2. PERSPECTIVA 2: SOBREEXISTÊNCIA

Ser homem trans, para mim, é sobreviver através da própria existência. Muitas vezes deixamos de ser quem somos, o que gostamos e quem podemos nos relacionar para poder resistir, seja nas ruas, no mercado de trabalho ou no ensino. Nossa existência enquanto identidade nos é ceifada pela sociedade, que possuem padrões nos quais não nos encaixamos tentando escapar da necropolítica<sup>6</sup>, morte, o suicídio, a transfobia e a invisibilização. Por isso, acho necessário usar esse espaço para falar de como se inicia a minha percepção a respeito da transexualidade, visto que até completar a minha maioridade eu ainda não tinha conhecimento de tal palavra e seu significado ou quaisquer referências sobre ser um jovem transgênero.

Vi que era preciso me desfazer de tudo, mas eu percebi que meus familiares começaram antes de mim. Quando eu tinha 17 anos, faltando algumas semanas para fazer 18 anos, precisei sair de casa, fui expulso pela minha mãe. Então fui morar com a minha avó e meu tio, mas isso já tinha se iniciado de maneira muito complicada pois meu tio é uma pessoa agressiva. Naquela época eu ainda me via enquanto uma mulher lésbica e sofria homofobia por parte da

---

<sup>6</sup> Uso do poder político e social, especialmente por parte do Estado, de forma a determinar, por meio de ações ou omissões (gerando condições de risco para alguns grupos ou setores da sociedade, em contextos de desigualdade, em zonas de exclusão e violência, em condições de vida precárias, por exemplo), quem pode permanecer vivo ou deve morrer. Fonte: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/necropolitica>>

minha família. Em decorrência disso, morei em diversos lugares. Saindo de Piracicaba – SP, fiquei um tempo com o meu pai em Botucatu – SP, que durou alguns meses e logo após fui para São Paulo - SP morar com uma tia distante à procura de emprego, mas não obtive êxito. Foi quando resolvi me mudar para Macapá – Amapá no ano de 2016, já que tinha amigos virtuais que se propuseram a me ajudar.

Após me estabelecer na cidade, pude então dar início a minha busca pela minha identidade, já que eu participava de grupos no *Facebook* como o *Transgêneros e os hormônios*, onde participavam pessoas trans que debatiam e relatavam sobre o processo de transição. Um grupo de trocas de experiências e afeto onde percebi que o assunto já me trazia um conflito interno, em que me fazia perceber que a sociedade internaliza um preconceito no próprio indivíduo, causando em mim uma auto repressão sobre a minha verdadeira essência visto que eu era um indivíduo que mantinha os ideais da grande sociedade internamente para me encaixar e ser aceito. Posso dizer que foi no ano de 2017 que iniciei de fato a minha transição, embora ainda não usasse hormônios, pois para ter o acesso a esses recursos eram necessários investimentos financeiros que eu ainda não tinha.

Aos poucos comecei a abdicar de tudo que me remetia ao passado e, ao lutar por minha *sobreexistência*, precisei abandonar toda uma vida construída naquele momento para ir em busca de um lar que pudesse me acolher – entendendo que minha família não tinha condições de me suprir. Apeguei-me a ideia de que em qualquer lugar que eu fosse, desde que eu pudesse existir, eu continuaria em transição.

Assim como me mudava de casa, também estava naquele momento transitando da condição de mulher lésbica para então ir transicionando a minha condição de homem trans. Tive que me mudar de casa diversas vezes, fato esse que também ocorreu em Macapá – AP, visto que morei de favor com amigos e muitas vezes enfrentamos situações de vulnerabilidade socioeconômica. Percebo que vivenciei um sexílio, mas tanto em aspectos relacionados nestas mudanças frequentes de bairros, cidades e estado, como nas próprias características do termo:

O sexílio também pode dizer respeito ao conjunto de violências simbólicas despendidas àqueles que não se enquadram em modelos cisheteronormados, como defende Yolanda MartínezSan Miguel (2011), e é sobretudo desde essa dimensão simbólica e subjetiva que é analisada aqui a movência sexodissidente ou movência cuir – incluídos aí os

processos de deslocamento subjetivo que conduzem à produção de novos modos existenciais. Neste ponto, o cruzamento com a arte se dá pela sua capacidade de invenção de possíveis. Ou, como defende Sueli Rolnik (2018, p.93), de “dar corpo ao que a vida anuncia”, (OLIVEIRA, 2019, p.16).

Foi na região norte, que encontrei expectativas perante a condição do sexílio vivenciado. Boa parte disso através da busca de oportunidades. À medida que me aproximava de pessoas ligadas aos movimentos sociais como a UNALGBT de Macapá - AP, fiz diversos amigos que me concederam um lar temporário, o meu objetivo era buscar ingressar no ensino superior na Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, a fim de viver como um homem trans resistindo e produzindo academicamente e artisticamente relatando e dando continuidade no teatro sobre meus processos de construção de identidade.

Tudo isso só foi possível graças ao fortalecimento junto com os movimentos sociais, dentre outras pessoas trans que ocupam este estado e o apoio do colegiado do curso de teatro, pois tive vários episódios de rupturas e mudanças por conta de violência, tanto física como social, produzida pelo *cistema* — irei utilizar desta nomenclatura para referir sobre o sistema que, para nós, pessoas trans, é operado por pessoas cis, ou seja, pessoas que se identificam com seu gênero designado ao nascer.

O fato de eu estar iniciando a minha transição de gênero, fez com que eu passasse por episódios de transfobia operada por um *cistema*, isso fez com que atrapalhasse meu processo de ensino, relações afetivas e também para conseguir trabalho que garantisse o meu sustento. Por isso, ao adentrar no curso de teatro da UNIFAP, busquei meios de obter algum auxílio para poder me manter estudando e sobrevivendo. Obtive, através de editais e entrevistas com assistentes sociais e psicólogos, a garantia de auxílios que permitissem a minha permanência na Universidade, auxílios esses destinados às pessoas de baixa renda que possuem um alto grau de vulnerabilidade.

A UNIFAP foi uma das primeiras Universidades Brasileiras a respeitar o direito de pessoas transexuais e travestis<sup>7</sup>, aderindo ao uso do nome social para inserir estes alunos no meio acadêmico, sendo esses direitos assegurados pela

---

<sup>7</sup> Pessoas que não se identificam com o gênero que lhes foi designado durante o nascimento. Desse modo, um homem transgênero é a pessoa que foi designada com o sexo feminino durante o nascimento, mas não se identifica como tal e reivindica a identidade e o gênero masculino. Além dos transexuais, também são incluídas no grupo de transgêneros as pessoas que são travestis ou que não se identificam com nenhum dos gêneros conhecidos

Resolução Nº 39/2017, de 29 de novembro de 2017. A UNIFAP reserva ainda, em cada um de seus Cursos de Pós-Graduação, 1 (uma) vaga para pessoas transsexuais ou travestis.

No ano de 2018, comecei a cursar Licenciatura em Teatro na UNIFAP e pude começar a pensar e ter expectativas de vida, de crescimento intelectual. Por meio do teatro, pude, também, compreender melhor meus processos de autoaceitação e a trabalhar com minhas memórias em cena, construindo diálogos com o meu passado, criando ficcionalizações de mim, que irei chamar de *processo de memória transcrição*, trazendo um território da memória do sentir para reproduzir em cena tais materiais autobiográficos.

Plaza (1987), no âmbito das artes plásticas, definiu por transcrição, um dos três tipos de tradução intersemiótica, dentre os quais transposição e transcodificação completam a tríade. Para ele, transcriar é um tipo de tradução intersemiótica que opera pelo princípio da tradução icônica – ou princípio de similaridade da estrutura –, onde o produto derivado amplia a taxa de informação estética, de modo a desconectar-se do original que o representa, sem que este deixe de despertar sensações análogas (BATISTA, 2019, p. 03).

Tendo isto em vista, utilizei o fato de estar vivenciando o transitar de um gênero para outro, fiz destas memórias e emoções uma potência poética para além do fator psicofísico para seguir transcriando, ou seja, estive compreendendo e assimilando meu eixo original para ver potência na elaboração de experimentos cênicos, à medida que minhas características físicas e psicológicas iam sendo documentadas através de fotos e textos pessoais. Investigando o processo de outros artistas, estive percebendo a falta de visibilidade de pessoas trans na cena, desta forma, vi diante da necessidade de criar e experimentar ainda mais o meu lugar no teatro.

Inicialmente, realizei os experimentos através de performances que produzi na disciplina de Prática pedagógica I, ministrada pelo Professor Dr. Emerson de Paula e, posteriormente, na elaboração de um experimento cênico que foi realizado graças às pesquisas desenvolvidas no (Labo)ratório (No)made - Grupo de Pesquisa sobre Cena Expandida e Intermedial, no qual participei dos projetos de Iniciação Científica através da bolsa PROBIC<sup>8</sup> durante dois anos. Ainda neste grupo de pesquisa, no ano de 2019, iniciei meus estudos acerca da cena expandida e intermedial. Isto contribuiu fundamentalmente para a elaboração do experimento

---

<sup>8</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC) é um programa de bolsa que visa desenvolver nos estudantes de graduação o interesse pela pesquisa científica.

cênico (Trans)Midiático, dirigido pelo orientador de iniciação científica, Professor Dr. José Flávio Gonçalves da Fonseca, e apresentado no Festival Insolus Tucujus<sup>9</sup> de Macapá-AP no mesmo ano.

A princípio via-se a necessidade de produzir na pesquisa um experimento cênico que dialogasse com a cena expandida e intermedial, a fim de aprofundar os estudos teórico-práticos da pesquisa intitulada *experimentações acerca do ator na cena intermedial*. Assim, foi introduzido como poética a minha vivência de gênero para a elaboração dramática de cunho autobiográfico, no qual relato trechos sobre minha identidade anterior, rompimento familiar, mudanças de lugares, lares, para a elaboração deste trabalho. Mostrou-se necessária a coleta de material autobiográfico para que se revisitasse o meu passado e presente.

Destaco a importância de mencionar o contato, através de vídeos gravados, com o experimento chamado Azul, que pude ter como referência para o meu trabalho. Trata-se de uma obra autobiográfica produzida em 2017 no Maranhão protagonizado pelo graduado em Teatro, mestrando em Artes Cênicas pelo PPGAC<sup>10</sup> da Universidade Federal do Maranhão, Antonio Bandeira e encenado por Antunes Neto, que utilizando do teatro performativo transpõe em cena a trajetória de Antônio enquanto transgênero, para expor um diálogo entre o real e o ficcional, mesclando elementos e linguagens da intermedialidade e da performance. Segundo o autor, em sua monografia:

Um trans homem que narrando sua realidade através do dito e do não-dito, possibilita a sua afirmação e existência, problematizando e se configurando em um ato de resistência. A dramaturgia é a própria vida do ator, seu processo de descoberta, suas memórias a partir das dificuldades que teve durante o processo de sua transição, tal como suas expectativas, suas ansiedades e liberdades não encontradas e a pressão social imposta a qualquer *identidade desviante* existente na sociedade (BANDEIRA 2019, p. 26, grifo do autor).

Dar voz e oportunidade para relatar tais vivências de grupos que muitas vezes são marginalizados ou esquecidos é importante para gerar visibilidade e promover políticas públicas. Além disso, ao problematizar questões sociais, debater e gerar uma proximidade do espectador com tais obras gera uma grande contribuição na produção de estudos e pesquisas por pessoas transgênero tendo em vista que os poucos trabalhos no teatro sobre pessoas trans que são encenados pelos

---

<sup>9</sup> Festival de Solos cênicos (monólogos e números) idealizado através da parceria entre a Cia de Artes Tucuju, a Cortejo Produções Artísticas e a ACESSA CULT Produções que ocorreu no período de 08 a 16 de novembro de 2019.

<sup>10</sup> Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas.

mesmos. Ademais, muitos destes abordam temas que na maioria das vezes apresentam caráter sensacionalista, como os que vemos em reportagens nos jornais televisivos, que muitas vezes sequer respeitam o nome social, ou ainda em peças e novelas em que os atores que são vistos em cena são pessoas cis gênero interpretando transgêneros.

Essa falsa representatividade é denominada pela comunidade Trans de *transfake*<sup>11</sup>, nos quais os atores cis gêneros reproduzem em seus papéis o estereótipo de pessoas trans como profissionais do sexo ou pessoas com transtornos ou problemas com drogas e que quase sempre são mortas em seus enredos.

Devo citar a autora Conceição Evaristo (1946-), poeta, contista, romancista e ensaísta afro-brasileira que traz em seus trabalhos uma perspectiva de emancipação em suas obras, pois há um movimento de colocação de si na posição de narrador da própria história, por meio do qual se recobra o poder de produção da própria memória e subjetividade em seus trabalhos. Destaco sua importância, pois encontro um cruzamento em meu trabalho com a *escrevivência*, ainda que o trabalho de Evaristo tenha uma ótica para as questões afro-brasileiras e o trabalho que desenvolvo traga para a pesquisa recortes sobre vivência trans masculina, sendo assim uma *transescrevivência*. Há um diálogo com o se colocar na pesquisa e a escrita como uma forma de prosseguir adiante com minhas memórias.

Na Iniciação Científica foi onde tracei e explorei tais mecanismos para continuar a viver através dos estudos, contribuindo e ocupando o ambiente acadêmico. Para isto, coloquei em prática os saberes adquiridos através da pesquisa e fui dando forma nos experimentos cênicos, à essas vivências autobiográficas e a ficcionalização de si. Através da pesquisa prática, que trouxe elementos procedimentais de propostas como *Practice as research*, em português, Prática como pesquisa (PaR), apresentada por Robin Nelson (2013); *Recherche creation*, em português, Pesquisa-criação, discutido, dentre outros autores francófonos, por Mireille Losco Lena (2017) e a Pesquisa-performativa ou Pesquisa guiada-pela- prática, apresentada por Brad Haseman

---

<sup>11</sup> Trans Fake é o termo criado pela comunidade trans para denunciar essa prática de representar a transexualidade por meio da cisgeneridade. A temática transsexual com suas vivências e desdobramentos é tratada e apresentada ao público pela lente, mãos, rostos, corpos e performances cisgêneras.

(2006).

No campo das Artes Cênicas, as metodologias de *Practice as research* (PaR) ou *recherche creation* inserem a prática no centro do processo e nesse sentido, aguçam o olhar dos pesquisadores para o desenvolvimento de procedimentos e protocolos entorno desta prática. Assim, estas metodologias de pesquisa em Arte, visam a criação de uma materialidade para a sua posterior análise, visto que são por natureza, pesquisas guiadas-pela-prática (FONSECA, 2020, p.19).

Com a reunião de todo o material biográfico que possuía, que se constituía de minhas cartas, gravações de áudio e vídeo e fotografias, foram elaborados ensaios junto ao diretor nas salas da UNIFAP. Utilizando dos recursos da cena expandida e intermedial, iniciou-se a construção da dramaturgia, que através dos ensaios praticados e a coleta de matérias, iam compondo inicialmente o experimento que se remeteria a um relato através de uma leitura de uma carta para o espectador. Ela foi criada como uma forma de despedida da minha identidade anterior feminino/mulher, a qual possui muito orgulho de minha luta para ser o homem que me tornei.

Figura 3: Ensaio (Trans)Midiático.



Fonte: Arquivo pessoal

Foi utilizado um celular no qual continha uma carta a ser lida e a câmera do celular capturando o meu rosto, bem como realizando uma projeção que poderia ser vista ao meu lado na parede, que é denominada pela professora doutora Marta Isaacsson<sup>12</sup> como *imagem espelho* que permite o deslocamento da presença orgânica do ator para a realidade fílmica. De acordo com Monteiro:

Em espetáculos intermediais, a interação entre corpo virtual e corpo em

---

<sup>12</sup> Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde atua no ensino da graduação e pós-graduação de Artes Cênicas

carne e osso redimensiona o processo de criação do artista, que busca novas estratégias para se relacionar com imagens projetadas em tempo real e/ou pré-gravadas. Atravessado por imagens intermediais, o corpo do ator é expandido, não apresenta limites delineados; reinventa-se a todo momento, porque não fixa uma única forma. Em constante transformação, é corpo-imagem, multissensorial e fractal (MONTEIRO, 2018, p. 02).

O diálogo proporcionado pela cena intermedial produzia um efeito de reviver o passado e transmitir para o público tais memórias, fazendo um teatro que se constrói em tempo real em cena, expandindo o corpo do ator através das projeções. E neste sentido, fazer dele sua própria tela em cena com as palavras que lhe foram ditas ao longo de sua vida projetadas em seu corpo, proporcionando outras formas de olhar e se perceber a cena que estava sendo estabelecida no palco, traçando estratégias com um corpo biológico e suas virtualidades retratadas em áudio pré gravados e imagens fotográficas.

Figura 4: Cena (Trans)Midiático.



Foto: Flávio Gonçalves

### 3. PERSPECTIVA 3: TRANSCRIÇÃO

Como mencionado no tópico anterior, nós utilizamos da *transcrição* e da *transescrivência* para pensar e elaborar as cenas que foram trabalhadas através de um olhar refinado dos relatos da minha história de vida. Tudo isso foi dirigido e estruturado em colaboração e direção de Flávio Gonçalves, também orientador dessa pesquisa. O processo de desenvolvimento do trabalho (Trans)Midiático

ocorre a partir das práticas de ensaio decorrentes da bolsa de Iniciação Científica, e neste período de experimentações à medida que estava adquirindo conhecimentos sobre a cena expandida e intermedial e, a utilização das imagens técnicas, alguns materiais foram sendo produzidos e coletados desde a primeira apresentação do trabalho que ocorreu no Festival InSolos Tucujus em 2019.

Em meu segundo ano na bolsa de iniciação científica, regida pelo nome de *Experimentando Dramaturgias Digitais* ocorrida no período de 2020 a 2021, fomos atravessados por um distanciamento social decorrente da pandemia de COVID-19 que fechou muitos locais, como consequência disto, percebeu-se o crescente número de espetáculos que estavam utilizando do ambiente virtual para a elaboração de trabalhos artísticos. Esta pesquisa não foi diferente, então, executamos ensaios práticos e a criação de um diário de campo virtual que compartilhava estudos, ensaios, códigos e discussões de práticas para elaboração de uma dramaturgia virtual.

A partir disto, utilizamos a linguagem de programação *Hydra* da artista e programadora colombiana Olivia Jack. Participamos de cursos sobre arduino<sup>13</sup>, programação e da oficina de teatro digital ministrada pelo festival permanente Teatro Movimento<sup>14</sup>, tudo para se pensar na concepção de uma dramaturgia que pudesse ser executada mesmo em um momento pandêmico, de forma a também contribuir com o trabalho (Trans)Midiático já apresentado, pensando numa continuidade à cena curta iniciada em 2019.

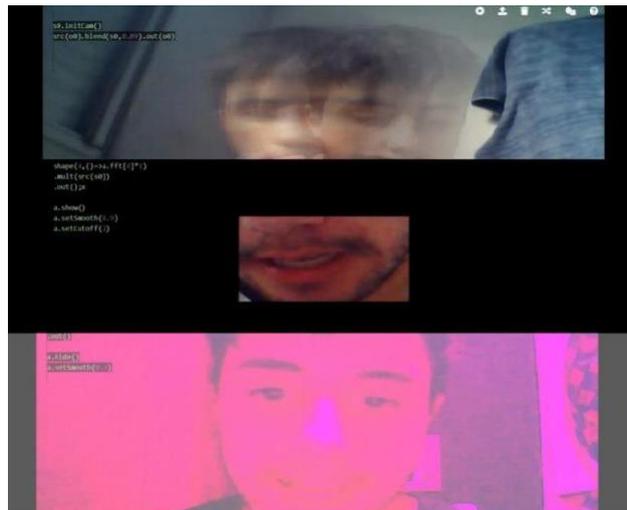
Este novo processo expandiria de 15 minutos para um espetáculo de aproximadamente 30 minutos, pois resgataríamos as narrativas já relatadas desde a primeira apresentação que foi pensada para palco italiano, mas desta vez, trocando os palcos para um ambiente virtual, se utilizando de transmissões de vídeo com o uso da plataforma *Google Meet* para a apresentação ao vivo pelo dispositivo *webcam*.

---

<sup>13</sup> Placa de prototipagem eletrônica de código aberto.

<sup>14</sup> Festival permanente natural de Belo Horizonte – MG.

Figura 5: Experimentando Dramaturgias Digitais utilizando *live coding Hydra*



Fonte: Arquivo pessoal

Para que o leitor deste memorial tenha acesso a mais materiais das experimentações, será necessário a instalação de um aplicativo de leitura de QR Code<sup>15</sup> ou utilizar diretamente a câmera do seu celular (para aparelhos que já veem com esse recurso) ou acessar o link que se encontra na descrição da imagem abaixo:

Figura 6: QR CODE dos diários de experimentações com dramaturgia digital e materiais propostos



Link que permite acesso aos diários de experimentações com dramaturgia digital e materias coletados: <https://drive.google.com/drive/folders/1aD7ufxV8L26jp4BIKbu-pzE3BQVPgkyO?usp=sharing>

Os códigos utilizados e algumas anotações do processo, se encontram no *Diário de Campo Experimentando Dramaturgias Digitais* e foram fundamentais para

---

<sup>15</sup> QR code, ou código QR, é a sigla de “Quick Response” que significa resposta rápida. QR code é um código de barras, que foi criado em 1994, e possui esse nome pois dá a capacidade de ser interpretado rapidamente pelas pessoas. Fonte: <<http://www.ieb.usp.br/qrcode/>> Acesso em: 7 de janeiro de 2022.

compreensão do uso da linguagem *Hydra* para contribuir para a construção de uma dramaturgia digital. Experimentamos interações entre corpo e imagens manipuladas em tempo real, tudo por intermédio de *live code* (programação em tempo real) e *creative code* (programação criativa). Os ensaios começaram por volta de fevereiro de 2021, onde utilizou-se variações dos efeitos no Hydra gerando novas perspectivas que foram sendo observadas nos ensaios.

À medida que fui tendo maior contato com o meio digital e o teatro, surgiram alguns questionamentos: Qual seria a gramática da dramaturgia digital? Os códigos se comportam enquanto dramaturgias digitais? Uma vez que estes códigos servem como disparadores de ações (dramáticas) tanto para a máquina quanto para o ator, quem está atuando naquele momento? Será que isso também significa transmitir um contato mesmo que de forma distante com o público?

Por isso, em dado momento surgiram algumas dificuldades, pois tudo era novo e estávamos tendo este primeiro contato com esses meios. Posteriormente, a falta de equipamentos que permitissem uma execução fluida do trabalho inviabilizou a execução utilizando da linguagem de programação do *Hydra*, que fez com que tivéssemos muitos problemas técnicos, pois como os ensaios estavam sendo feitos de forma remota e sem um local adequado para a prática, tivemos que adotar outros meios para a execução, tais como o uso somente de um celular e a câmera — sem a utilização de *live coding* ou *creative coding*, antes indispensáveis.

Ainda assim permanecemos criando e pensando uma nova perspectiva de dramaturgia sendo esta digital, que incorporaria a peça (Trans)Midiático à reprodução na plataforma do *Google Meet* e através da utilização do software *OBS Studio*<sup>16</sup>, utilizando apenas do dispositivo *webcam*.

Após alguma diminuição dos casos de COVID-19, retomamos aos ensaios no bloco do Curso de Teatro da UNIFAP, onde utilizamos da câmera do celular e do aplicativo *IriumCam* que foi uma nova descoberta de ferramenta. Ele pode ser usado no computador como *Webcam* nos sistemas operacionais *Android* e *iOS*, que permite a execução junto com o *OBS Studio*.

Com o uso destes programas observou-se uma maior fluidez no trabalho e desenvolvimento das cenas que sofreram algumas modificações visuais e na sequência das cenas já pensadas anteriormente. Estas narrativas que abordaram temáticas do luto vivenciado por mim e por amigos e familiares que me conheceram

---

<sup>16</sup> Programa de streaming e gravação gratuito e de código aberto.

antes da transição, percebendo um olhar acerca da solidão, violência e das mudanças corporais visto que na primeira apresentação de (Trans)Midiático ainda não havia realizado minha cirurgia de mastectomia, que é a retirada dos seios.

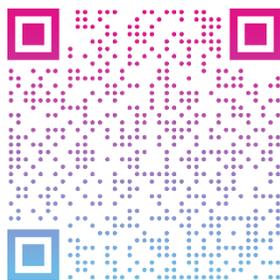
O espectador que irá assistir novamente terá um outro olhar e poderá ter mais detalhes destes acontecimentos e para a execução do trabalho e criação dramática busquei revisitar a metodologia da *transcrição* onde permitiu o desenvolvimento desta pesquisa perpassando pela arte e vida, também ressignificando o conceito de *transcrição*; que até então pode ser entendido como um processo de transposição de uma linguagem para outra, no entanto, no contexto do meu trabalho essa definição se expande para um entendimento de uma ressignificação da palavra *transcrição* para o termo *(trans)criação* como uma criação que opera por meio de uma poética de um corpo trans.

O trabalho também explora na sua dramaturgia estratégias de resistência através da arte e pesquisas acadêmicas com inclinações e aspirações, com o desejo de contribuir e fortalecer com material teórico/práticos para futuros trabalhos artísticos e pesquisas que sejam protagonizados por pessoas trans.

A transcrição não é apenas uma prática de tradução criativa. Trata-se de uma intensa experiência tradutória, fundamentada nas inúmeras possibilidades de exploração das línguas vivas e das culturas vividas. É num episódio pessoal que a transcrição enquanto estratégia tradutória de intersecção entre culturas se revela da mais intensa relevância (ALVES, 2012 p. 02).

O revisitar de (Trans)Midiático, parte do olhar para este corpo que nasceu com um gênero preestabelecido pelo meio social que nele foi inserido, mas que grita e anseia por uma libertação de experienciar e viver de acordo com seus sentimentos, desejos e anseios. Esta vivência de transição de gênero, não pertencimento, seu aprisionamento de cerca de 19 anos, quando eu ainda vivia de acordo com o *sistema*.

Figura 07: QR CODE para acesso a obra gravada: (Trans)Midiático



Link para acesso da obra gravada disponível em nuvem :

[https://drive.google.com/file/d/1aNMNOwTi8ixU7B2td65BKhaAbGFq\\_Xeg/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1aNMNOwTi8ixU7B2td65BKhaAbGFq_Xeg/view?usp=sharing)

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda esse caminho percorrido serve para mim, como uma ponte que liga a dramaturgia e a vida para partir da utilização de mecanismos que dialogam e possibilitaram traduzir a construção de uma representação que alcance e permita a compreensão destes processos e vivências transculturadas, carregando consigo uma busca de ressignificação do olhar social, das lutas e produções artísticas. resgatando memórias afetivas, estas que são fundamentais para um olhar menos estigmatizado sobre a existência trans, desenvolvendo um pensamento crítico, apropriando e criando a partir da transição de gênero e estabelecendo maneiras de se construir pilares para existir e criar redes de afeto e inspiração para outros corpos dissidentes adentrarem cada vez mais a estes espaços.

Para criar uma dramaturgia que mescla elementos de arte e vida mesmo que com cicatrizes dos preconceitos, discriminações vividas e das necessidades de um ser humano, necessitamos nos dispor a viver e nos colocar em cena, e irmos aprendendo e passando adiante experiências mais próprias da nossa transgeneridade.

Expor estes debates sobre gênero e sexualidade é muito importante para que possamos deixar de estar vivendo em um *cistema* que perpetua normatividade cis, uma vez que a existência e reprodução dessa normatividade demonstra como se nós, pessoas trans (como tantas outras identidades marginalizadas), não fossemos pessoas dignas de ter voz, nem visibilidade nas mídias e na vida pública.

Falando de um ponto de vista de um homem trans branco, tenho percebido e experienciado um mundo em que sempre estamos sendo expostos a obras e criações artísticas trans sendo tratadas no espectro cis, estes que nos retratam com um olhar laboratorial e fetichizado.

Por serem cis só conseguem alcançar o limite do olhar, mas não o do sentir. Na carne, na pele de uma pessoa trans nada disso chega minimamente a representar quando se usa o *transfake*, pois por estarmos sempre à margem de qualquer espaço, sejam eles reais ou mesmo virtuais, continuamos sendo invalidados, como se existisse um mundo paralelo em que aqueles que vão contra qualquer regra de gênero imposta vivem em um mundo não digno de afeto, de valorização e segurança.

Com esta força, vem surgindo diversos movimentos alternativos de

produções audiovisuais e teatrais escritas e encenadas por pessoas trans que buscam ganhar visibilidade e quebrar o paradigma e o preconceito para com nossas histórias e corpos inventando outros métodos e formas de escritas e narrativas e possibilidades de resistência.

Se trazemos conosco a cicatriz que nos foi marcada na carne (identidade) ao entrarmos em cena e sempre entramos não apenas provamos o impasse, mas vivemos a única maneira que gênero pode ser vivida nas diferentes maneiras de lidar com este fracasso do que significa ser socialmente homem ou mulher. Daí o potencial político da performance transgênera: a exposição da fratura a experiência do antagonismo fundamental que constitui a situação simbólica do gênero na nossa sociedade (LEAL, 2018, p. 467).

Estar em cena vai além da vaidade dos palcos, pois ser estrela é propiciar um ato político contra o *cistema*, é pôr à mostra as mazelas da nossa sociedade e colocar o dedo na ferida daqueles que nos sangram e matam a nós - travestis, mulheres trans queimadas mortas, homens trans raptados e mortos com os mais variados requintes de crueldade - tudo sob as asas de um *cistema* opressor que o oculta. Criticar a transfobia que perpetua das mais diversas formas, seja nos ambientes familiares, educacionais, virtuais e de saúde é deixar em carne viva e transparente o que o mundo cis heteronormativo transfóbico tem nos sentenciado e nos silenciado à morte, não só fisicamente, mas a morte do respeito para com nossas vidas, pois não possuímos os mesmos direitos e seguranças de ir e vir como as outras pessoas que vão de acordo com o *cistema*.

É necessário trazer um repensar de formas de criação dramaturgica seja no ambiente educacional como nos palcos do teatro, pois a grande maioria que ocupam cargos de prestígio e tem acesso a cultura e educação são pessoas cisgêneras que possuem validação e instrumentalização de fácil acesso e a única coisa que pedimos é respeito com nossas vidas e nossa identidade. A comunidade trans precisa de oportunidade para se mostrar e expressar suas vivências em sociedade, para que nossa existência seja efetivamente compreendida e acolhida com naturalidade.

A nomeação desse padrão, desses gêneros vistos como naturais, cisgêneros, pode significar uma virada descolonial no pensamento sobre identidades de gênero, ou seja, nomear cisgêneridade ou nomear homens-cis, mulheres-cis em oposição a outros termos usados anteriormente como mulher biológica, homem de verdade, homem normal, homem nascido homem, mulher nascida mulher, etc. Ou seja, esse uso do termo cisgêneridade, cis, pode permitir que a gente olhe de outra forma, que a gente desloque essa posição naturalizada da sua hierarquia superiorizada, hierarquia posta nesse patamar superior em relação com as identidades Trans, por exemplo (VERGUEIRO, 2014, p. 02).

As pessoas cisgêneras possuem um privilégio corporal desde a enunciação

do sexo, construindo uma posição que pode ocupar um lugar de respeito, valor e status. Se no caso for homem, há uma linha e padrões a seguir que divergem do ser mulher, enquanto a enunciação transgênero do próprio sexo constitui em um lugar de engano, de profanação, de algo desviante da norma padrão do *cistema*.

Se formos considerar que tanto o sexo, como também o gênero são construções sociais a diferença entre cisgeneridade e transgeneridades não se dá na ordem de uma verdade interior das pessoas ou dos seus corpos mas de diferentes situações políticas frente aos mecanismos que constroem sexo e gênero.

Essa diferenciação não é simplesmente uma construção teórica, mas marca uma série de hierarquias sociais, a principal delas a violência cisgênera que se exerce: a transfobia. O cisgênero ocupa um lugar de considerada normalidade, onde é sempre o modelo imposto do qual os corpos trans devem se assemelhar e se ajustar para terem seu gênero respeitado.

Esse espelhamento que chamamos de passibilidade — quando uma pessoa trans possui características físicas quase se assemelhando a uma pessoa cis — é mais aceito em sociedade e tem sua identidade quase que totalmente respeitada.

As pessoas cis tem um poder estrutural para pensar sobre pessoas trans como também já patologizaram as pessoas transgênero como portadoras de transtorno mentais, por não se enquadrarem nas normas de sexo gênero. É importante mencionar que atualmente a transexualidade não é mais considerada transtorno mental, conforme constava a 10ª Classificação internacional de doenças (CID), vigente desde 1990.

Neste *cistema* há uma ampla gama de teorias psiquiátricas, psicológicas, antropológicas, sociológicas sobre as pessoas trans. Em que pessoas cis acreditam ter o sexo absoluto, e que tudo aquilo que diverge vai de encontro a um embate contra essa hierarquia corporal e social.

Coisa que acaba ocasionando conflitos que muitas vezes possuem violência física ou verbal, vinda de pessoas cis contra pessoas trans. Enquanto continuarmos sendo passados pela *peneira cis* ainda será impossível viver de forma pacífica, pois não nos permitem ter possibilidade de resposta ou de participação política e social. É necessário decentralizar o lugar absoluto que o gênero cis se coloca. Considerar isto possibilitará a existência de outros corpos que não são cisgêneros e que não possuem *passibilidade*, algo que é quase sempre inalcançável, visto que muitas vezes busca-se ir de encontro a esta passibilidade para conseguir se proteger das violências perpetuadas pela transfobia.

(Trans)Midiático é um trabalho que buscará sempre explorar a transição de gênero, de vida, de localidade e relações sociais, propondo ao ser apreciado, contribuir para a luta contra repressões mencionadas no decorrer desse memorial. O meio artístico anseia por poéticas de criação trans, pois é também através da arte que podemos transformar a realidade e vislumbrar uma sociedade em que se tenha novas perspectivas que garantam o direito de viver socialmente e existir com nossas identidades.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Antonio Alexandria Souza. **AZUL: Autobiografia e representatividade trans no teatro**; Universidade Federal do Maranhão, 2019.

BATISTA DOS SANTOS, Noeli et al. Transcrição: o pensamento poético na criação de interfaces culturais. **Journal of Digital Media & Interaction**, v. 1, n. 1, p. 23-36, 2019.

DA SILVA, Vagner Gonçalves. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras**. Edusp, 2000.

FONSECA, José Flávio Gonçalves da. Poéticas nômades: pesquisa-criação do espetáculo tentativa.doc 2.0 a partir de elementos da cena expandida e intermedial. Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Artes – UFPA. Belém, 2020.

FORTIN, Sylvie; MELLO, Trad Helena. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. **Cena**, n. 7, p. 77, 2009.

LEAL, Dodi Tavares Borges. **Performatividade transgênera: equações poéticas de reconhecimento recíproco na recepção teatral**. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MONTEIRO, Gabriela Lírio Gurgel. Corpo-imagem: o jogo do ator na cena intermedial. **Sala Preta**, v. 18, n. 1, p. 258-272, 2018.

OLIVEIRA, Ana Gabriela; VILAÇA, Ana Filipa; GONÇALVES, Daniel Torres. Da transexualidade à disforia de gênero: protocolo de abordagem e orientação nos cuidados de saúde primários. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**,

v. 35, n. 3, p. 210-222, 2019.

OLIVEIRA, Cleber Rodrigo Braga de. Fantasmografias: sexílio, arte e ativismos cuirdecoloniais na transfronteira méxicobrasileira. 2019.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.

VERGUEIRO, Viviane; GUZMÁN, Boris Ramírez. Colonialidade e Cis-normatividade. Conversando com Viviane Vergueiro. **Iberoamérica Social: Revista-red de estudios sociales**, n. III, p. 15-21, 2014.

## APÊNDICE

**KAI HENRIQUE**

### Texto Dramaturgico

#### (Trans)Midiático

*Se trata de uma produção teatral, utilizando das imagens técnicas e da cena expandida e intermedial. Além de ser um texto autobiografico, a dramaturgia estará inserida, também, nos audios pré gravados pelo autor.*

#### **CENA 1 -**

*(O ator sentará frente a uma mesa onde ficará de costas para o publico e estará pociionando o celular em um tripé com a tela para a baixo, mostrando sua carta e um pequeno bolo. A imagem será projetada em frente a parede que estará frente ao o publico que, neste momento, mostrará o ator escrevendo as palavras finais na carta e será feita a leitura da mesma olhando para a câmera que estará pociionada a cima do ator que olhara para ela e dirá o seguinte texto.)*

**ATOR –** Olá, Kai. Há muito tempo não lhe escrevo. Bom, você sabe que lutei muito para que você pudesse chegar até aqui, tentei te proteger ao máximo para que você pudesse ter força, determinação e coragem suficiente para ser você mesmo.

Ei, você lembra que combinamos desde nossa infância que eu assumiria o papel principal até que você pudesse ser você mesmo, certo?

Então, saiba que tenho orgulho de quem você é e está se tornando, esse garoto que está experimentando e descobrindo cada dia uma nova coisa, uma nova sensação e novos lugares. Eu sei que nunca vou sair da sua memória, pois por 19 anos eu existi e habitei o seu corpo como combinamos e passamos por muitas coisas, tanto boas quanto ruins, vivemos em muitos lugares, mesmo que usando outro nome, outros adjetivos e outros tipos de roupa.

Mas é você que merece o papel principal e você não é menos homem que ninguém, por mais que seu corpo tenha erros e falhas você, é capaz de ser você mesmo.

E, Kai, se liberte de todas as amarras que possam te deixar triste e viva o mais intensamente possível e, de antemão, lhe desejo feliz mais um ano de vida, afinal de contas, logo será teu aniversário. Com amor, seu antigo “eu”.

#### **CENA 2 -**

*(Levantando-se de sua cadeira e pegando o bolinho que contém uma vela, onde será acessa por um isqueiro, será pociionado o bolinho frente a câmera para o público olhar, tanto para o ator a sua frente quanto em sua imagem projetada na parede. Logo após, será lentamente derrubado o bolinho e será dito o seguinte frase frente a câmera).*

**ATOR –** Eu ja vivi e morri tantas vezes para me encontrar

### **CENA 3 -**

*( Um papel será posto pelo ator em cima da mesa, onde será escrito pelo ator a seguinte palavra: TransMidiático. Logo após, o ator tirara sua blusa e segurará o papel a frente do seu peito e irá levanta-lo frente a câmera, ficando de costas para o publico e mostrando, lentamente, suas cicatrizes para a câmera que fará com que sua imagem projetada seja vista na parede, fazendo menção a um enquadramento como fotos de prisão. Logo após, irá virar de frente para o publico com as mãos segurando o papel e olhando de frente para o publico e dirá o seguinte texto)*

**Ator** – Com medo da minha própria imagem

**Ator** – Com medo da minha própria imaturidade

**Ator** – Com medo do meu próprio teto

**Ator** – Com medo de morrer de incertezas

**Ator** – Eu tenho medo da morte

### **CENA 4 -**

*(O ator caminha de costas, pega o celular que se encontra no tripe junto com uma lanterna e cai no chão, aonde, caído, com os olhos fechados, assemelhando a morte, começa a mostrar partes do seu corpo com sua câmera que projetará uma imagem na parede como se investigasse aquele corpo referindo ao desrespeito até no momento da morte que as pessoas trans sofrem e o audio toca enquanto o ator vai mostrando com sua câmera as partes desse corpo).*

**AUDIO** - Eu percorro muitos caminhos que, às vezes, me sinto só mesmo cheio de amarras e fios vermelhos. Dia a dia, ano a ano, eu estou aqui, enquanto o mundo está em completa hemorragia, ainda resisto aqui. Eu queria poder abrir minha caixa de memórias e que vocês pudessem ver com os meus olhos, ouvir como eu ouço cada palavra e som que pude ouvir, sentir como eu sinto e que os seus corações pudessem pulsar e bater como o meu. Pra vocês perceberem o quanto é fácil sentir e perceber o outro. Nem sempre estarei aqui, assim como você, o meu maior medo é não ser feliz o suficiente, perder dias chorando atoa. É difícil se sentir feliz quando sua inocência é roubada, quando traem sua confiança, quando não há luz, quando pegam as suas fragilidades e as usa contra você.

### **CENA 5 -**

*(após o audio terminar o autor desperta e vai até suas fotografias que estarão na parte de baixo da mesa onde ele colocará acima da mesa para que com sua câmera as revele para o publico que verá através de uma projeção nessas fotografias de infancia sera inscritas palavras como menina, menino, gay, lésbica trans travesti fazendo menção aos nomes e adjetivos que lhe foi atribuido durante a vida )*

### **QUADRO 6 -**

*(logo após as escrituras nas fotografias o ator caminhará até o meio do palco onde falará sobre momentos vividos em suas relações onde apontara para o publico mencionando tais palavras que recebeu durante sua vida)*

**Ator** – Eu lembro que quando te conheci eu me via preso cheio de amarras mas em você eu encontrei uma certa liberdade para poder ser eu mesmo a sociedade nos disse como deveríamos amar nós deram tantos rotulos gay viadinho travesti sapatão

### **CENA 7 -**

*(Apos este texto o ator cai no chão como se recebesse socos e se envergonhasse da ultima frase dita em seguida deitara no chão e dormira )*

**ATOR** – Eu lembro que o unico momento que tinhamos paz era quando voce colocava a cabeça no meio peito e adormeciamos

### **CENA 8 -**

*(Apos adormecer acordara como num pesadelo pegara o celular pacionando-o a sua frente com um pequeno tripé para que a câmara e colocara no chão dando continuidade a outro momento em que o ator ligara uma lanterna e posionara frente a camera como em um momento de solidão, vazio e busca )*

**ATOR** - Oi, vocês estão me ouvindo? Eu consigo ouvir vocês, mas eu não consigo ver

**ATOR** - De uma hora para outra eu me percebi vivendo um jogo de pistas em busca da minha identidade

**ATOR** - Não sei quem sou. Não sei se eu tenho falta de memória ou se me deram tantas informações do que eu poderia ser que estou confuso

**ATOR** - Eu me olho no espelho e não me reconheço. Sim, sim, eu dormi por muito tempo. Dormi? Parece que adormeci há muito tempo

**ATOR** - Já teve a sensação como se desse uma falha na matrix e você não habitasse mais o seu corpo e ele não pertencesse mais a você e não respondesse aos seus comandos?

**ATOR** - Sinto muito se por acaso eu interrompi a vida dela e os seus sonhos.

**ATOR** - Nunca me senti uma mulher e nem sei dizer o que é de fato ser mulher.

**ATOR** - Desculpa se eu a desliguei dos seus amigos e das pessoas que ela amou.

**ATOR** - Nunca me senti uma mulher e nem sei dizer o que é de fato ser mulher.

**ATOR** - Me perdoe se por acaso eu decidi as coisas sem pensar nela

**ATOR** - Nunca me senti uma mulher e nem sei dizer o que é de fato ser mulher.

**ATOR** - Mas acho que ou era ela ou era eu

**ATOR** - Dizem que nós nunca estamos sozinhos, que sempre há alguém olhando por nós!

**ATOR** - Mas no meu caso ninguém olhou por mim.

**ATOR** - Eu estava sozinho, eu e mais ninguém. Mas para não ser injusto preciso dizer que eu tinha minha bolsa como companhia.

**CENA – 9** ( O ator pega uma bolsa que mostrara frente a câmara pois ela faz parte de sua trajetória onde contém seus segredos)

**ATOR** - Eu só levei uma bolsa comigo está bolsa que agora está comigo a bastante tempo, apesar de ser pequena a muita bagagem nela ela não foi somente uma bolsa ao qual carreguei livros, cadernos, roupas

**ATOR** - Apesar de geralmente sua utilidade ser essa mas também já foi meu travesseiro enquanto deitava nos corredores da universidade e no chão de uma casa que morei de favor com estranhos que encontrava por ai, já me encostei nela no ônibus de viagem e adormeci já a segurei acima da cabeça para não tomar chuva como se fosse um guarda-chuva, já a abracei como se fosse alguém para aliviar a

tristeza de um dia cheio de fracassos e já a enchi de sonhos já a levei para tantos lugares comigo nessa vida guardei tantos segredos nela também e já foi tudo que eu tinha a um tempo atrás já a enchi de murros e chutes em um dia de raiva e ódio e novamente está simples bolsa está sendo minha cúmplice.

**ATOR** - Quando ela partiu só me restou alguns papéis algumas fotos algumas cartas algumas roupas eu poderia ter colocado fogo em tudo e simplesmente esquecer, não é? Mas não, eu guardei, aliás eu confiei esses documentos a minha companheira bolsa, que em sua discrição jamais mostraria a ninguém.

**ATOR** - Mas não adianta esconder esses papéis, pois ainda existe na lembrança das pessoas. Ela foi marcante para elas, convenhamos.

**ATOR** - Um dia desses vieram me perguntar sobre ela.

**ATOR** - Aí me perguntei “nossa aquela amiga do Arthur. O que será que aconteceu com ela? Nunca mais ouvi falar”

**ATOR** - Eu senti naquele momento imediatamente uma vontade de mostrar que agora eu estou muito mais feliz sem ela. Eu só queria dizer que eu sou muito melhor que ela. Ela era muito insegura e medrosa, mesmo que para mim ela fosse quase como uma irmã mais velha.

**ATOR** - A morte dela de fato foi dolorosa para mim e eu tenho a consciência de que a culpa é toda minha.

**ATOR** - Mas, ou era ela ou era eu!

**ATOR** - Eu lembro que a cada nova injeção no corpo dela, ela estava caminhando em direção a morte e ficando irreconhecível, perdendo a voz e os sentidos até mesmo os desejos de viver.

**ATOR** - Quando ela partiu sem poder se despedir e nem foi digna de um funeral ai sim eu senti a falta dela e minhas mãos carregam a culpa da sua morte.

**ATOR** - Mas, ou era ela ou era eu!

**ATOR** - Quando ela nasceu e deu o seu primeiro sopro de vida se é que aquilo era vida, deram um nome, um macacão rosa e disseram o que era bom e ruim. Já eu estive aprisionado

**ATOR** - Contudo, eles traçaram nossos destinos antes mesmo que eu ou ela pudéssemos falar uma palavra quando vimos o que nos impuseram ela preferiu morrer para me libertar

Então esperei pacientemente aprisionado durante 19 anos até que eu pudesse falar o meu nome e existir fora daquela prisão. O meu corpo carrega marcas e uma história que nenhum de nós jamais quisemos traçar. Mas eu não consigo lembrar de nada de meu passado. Todas as lembranças que eu tenho são dela. Apesar de que nunca me senti uma mulher e nem sei dizer o que é de fato ser mulher.

Só consigo ter as lembranças das dores, das perseguições, dos olhares e os abusos, das cobranças absurdas e do medo que ela sofreu.

Talvez em outra vida ela possa existir e encontrar a felicidade e possamos ser livres espero que algum dia eu possa lhe pedir perdão e encontrar você.

**CENA 10** – *(o ator levanta e caminha até suas fotografias que estão na mesa as*

*rasga com raiva e vai até o centro do palco com orgulho e diz as seguintes frases e ao falar cada frase vai jogando as fotos para o alto e pega o bolinho de aniversário que foi jogado e que se encontra no chão e passa em seu rosto terminando a cena com uma gargalhada)*

**ATOR** - Eu quero me orgulhar da forma que cresci.

Da forma como deixei ir, da forma como me empurro a ser uma pessoa melhor.

No final do dia eu só quero poder dizer sem hesitar que eu vivi a minha vida, que eu não alimentei o meu medo, nem os meus defeitos, nem quaisquer dificuldades que me vieram a caminho.

Eu quero poder dizer que estou orgulhoso da forma que sobrevivi.

Porque afinal de contas só o amor TRANSSSborda.

**Fim**